

28 ABR 1999

O lado mais feio da crise Economia Brasil

O mundo pode estar superando a crise financeira, como avaliam os mais otimistas, mas seus piores efeitos ainda serão sentidos por alguns anos. Nos países mais afetados, a crise provocou mais que uma degradação passageira das condições de vida. Programas de combate à pobreza foram retardados, por falta de recursos. Projetos de investimento foram postos de lado pelos governos, por falta de dinheiro e pela urgência de recompor suas contas. Trabalhadores e estudantes puseram de lado projetos pessoais de educação e de valorização profissional, afetados pelo desemprego. Famílias lançadas na pobreza tiveram de mudar seu padrão de vida e recalibrar suas expectativas, para cuidar, com dificuldade maior, da sobrevivência imediata. Tudo isso está resumido, de alguma forma, no relatório recém-publicado pelo Banco Mundial, com Indicadores do Desenvolvimento.

A crise começou há quase dois anos, com a quebra da Tailândia. No ano passado, antes do problema russo, ainda se julgava possível, em duas décadas, cortar pela metade a pobreza, reduzir de dois terços a mortalidade infantil e garantir educação primária a todas

as crianças. Essa expectativa é lembrada pelo presidente do Bird, James Wolfensohn, no prefácio ao relatório. Não se tratava, obviamente, de uma profecia, mas de um objetivo considerado realizável em certas condições: entre 1991 e 1997, o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu no ritmo anual médio de 5,3%, nos países em desenvolvimento e, além disso, estavam em curso vários programas de reforma econômica e institucional e de redução da pobreza. Com a instabilidade financeira, a expansão diminuiu severamente em quase todo o mundo. Nem todos foram atingidos diretamente pela crise, mas o menor crescimento do comércio e a depreciação dos produtos básicos afetaram a maior parte das áreas em desenvolvimento.

Os piores efeitos apenas começam a ser medidos ou estimados, como lembrou o economista-chefe e vice-presidente do Bird, Joseph Stiglitz. Um dos indicadores do empobrecimento foi a redução brutal dos gastos de consumo. No caso de alguns países, pelo menos, parece estar bem claro, pelas avaliações do Bird, o aumento da pobreza. Na Indonésia, por exemplo, as estimativas, agora, estão situadas entre 14% e 20% da popu-

lação. Há dois anos, o número de pobres, de acordo com a classificação internacional, correspondia a 7%, segundo lembrou Stiglitz. Para o Brasil, foi apresentada, fora do relatório, uma estimativa ligada às projeções de recessão neste ano: se o PIB diminuir 3%, cerca de 3 milhões de pessoas cairão na pobreza. É inútil discutir a precisão desse número, baseado na extrapolação de cifras históricas. Politicamente, o ponto importante é outro: com o crescimento freado pela crise, parte da população absorvida pelo mercado a partir de 1994 está retornando a padrões de vida muito baixos. Com o Plano Real, começou-se a formar no Brasil um mercado de massa, condição importante para um novo surto de desenvolvimento e para a consolidação democrática. Parte dessa conquista pode estar sendo anulada.

Em nenhum país o empobrecimento foi tão grande, nos últimos anos, quanto na Rússia. Lá, no entanto, essa tendência antecedeu a crise financeira de 1998. Extinta a União Soviética, bastaram poucos anos para se descobrir uma fa-

lha de diagnóstico. Há dez anos, lembrou Stiglitz, muitos economistas diziam ser suficiente, para a instalação de uma economia de mercado, a eliminação do planejamento central, a garantia da propriedade e o fim da interferência no sistema de preços. A experiência desta década correspondeu, segundo o vice-presidente do Bird, a uma lição importante: a economia de

mercado é muito mais complexa do que ensinam os manuais. Temas como governança, infra-estrutura legal e instituições são, segundo ele, "absolutamente centrais".

Essa lição vale para o caso de muitos outros países. Eliminar a pobreza é uma tarefa muito mais complexa do que simplesmente elevar o investimento e apressar a acumulação de capital produtivo. A própria crise financeira, como acentuou James Wolfensohn, resultou em grande parte de instituições inadequadas. Eis uma lição importante e muito cara, especialmente porque os mais pobres vêm pagando uma parcela desproporcional da conta.

Os pobres ainda sofrerão os efeitos do choque financeiro por vários anos, segundo o Bird